

## **O IMPACTO DA MATERNIDADE NA VIDA DE ESTUDANTES DA GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIFESP**

Priscila Cardoso<sup>1</sup>, Marina Papa<sup>2</sup>e Sabrina Detrich<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Paulo, pcardoso@unifesp.br

<sup>2</sup> Universidade Federal de São Paulo, marina.papa@unifesp.br

<sup>3</sup> Universidade Federal de São Paulo, detrich.sabrina@unifesp.br

### **Propósito**

Este trabalho apresenta resultados parciais de pesquisa coordenada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Priscila Cardoso sobre o impacto da maternidade na vida das mulheres-mães na UNIFESP, na qual diferentes grupos estão sendo investigados: estudantes de graduação, pós-graduação, docentes e Técnicas em Assuntos Estudantis (TAEs), visando conhecer a realidade na instituição e contribuir para a construção de políticas institucionais de apoio às mulheres-mães.

Para o estudo de cada um desses grupos desenvolveram-se Iniciações Científicas (ICs) específicas. Serão apresentados aqui alguns dados de duas destas ICs de 2023, sendo com mães graduadas/graduandas (bolsa pelo programa Amanhã, do movimento *Parent In Science*) e pós-graduadas/graduandas (bolsa PIBIC). Outros dados e o resultado final das referidas ICs poderão ser vistos em seus relatórios finais. Esperamos contribuir no desvelamento da realidade da maternidade ainda tão invisível nos corredores das universidades e centros de pesquisa. Acreditamos que sem conhecer esta realidade e dar visibilidade a mesma, não conseguiremos alcançar as mudanças necessárias.

### Revisão da literatura

A desigualdade na carreira entre homens e mulheres, e brancas/os e não-brancos/as, é ainda um dos maiores desafios no mundo do trabalho, isso porque, promove sustentação ao sistema capitalista ao mesmo tempo em que é produto do patriarcado e do racismo, no qual às mulheres determina-se o trabalho dos cuidados no processo de reprodução social. Tal divisão sociosexual do trabalho, transformou as mulheres, nos dizeres de Safiotti, em “objetos de satisfação sexual dos homens, produtoras de herdeiros, de força de trabalho e de novas reprodutoras.” (2004, p. 105).

Consequentemente, o cuidado e a atenção na criação dos/as filhos/as fica reservado ao “feminino”, resultando no que Vivas (2019) chamará de “maternalização da mulher”, um processo fruto da construção social que naturalizou a função materna, individualizou o cuidado, deixou a criação somente nas mãos das mulheres e moralizou as práticas que lhes eram impostas. E assim, historicamente, a maternidade foi transformada em controle e destino inevitável para as mulheres. A condição de mãe passou a ser a única identidade possível, tornando o “ser mãe” um eixo central da identidade das mulheres, independente da origem, raça ou classe social (Vivas, p. 78, 2021).

No Brasil, os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) em 2019, mostram que os homens gastam 11hs semanais em afazeres domésticos enquanto as mulheres gastam praticamente o dobro: 21,4hs. Destarte, embora muitos sejam os avanços na compreensão e crítica a esta divisão sociosexual e racial do trabalho, o cuidado continua a ter impactos na vida das mulheres culminando em múltiplas jornadas de trabalho além de inviabilizar a permanência e sucesso em suas carreiras, inclusive na academia.

Pesquisas demonstram que em 2020, no Brasil, mulheres predominavam como estudantes na graduação no ensino superior (57%) (Instituto SEMESP, 2020), sendo que uma em cada dez era mãe (ANDIFES, 2019). Também predominavam na pós-graduação, somando 54,2% das/os matriculadas/os no *stricto sensu*. Mas quantas são as mulheres com bolsa produtividade? E reitoras? Em 2020, apenas 22,39% das 67 Universidades Federais tinham mulheres reitoras (SANTOS et al., 2020), em 2023 apenas 35,6% das bolsas produtividade

eram de mulheres, expressando também o efeito tesoura quando olhamos a diferença entre os níveis: 37,7% nível 2 e apenas 27, 2% 1A (*Parente in Science*, 2024).

Vamos ficando no meio do caminho, e, certamente, a maternidade é uma das grandes questões. Ela não é “o problema”, o problema está nesse sistema que inviabiliza e exclui as mulheres-mães da academia, o qual devemos lutar para alterar.

### **Procedimentos metodológicos**

As pesquisas apresentadas seguiram uma abordagem qualitativa e quantitativa, sendo produzidas através de pesquisas bibliográficas, documentais e aplicação de questionários voluntários *online* via Google Forms (enviados via e-mail através do DCI da Unifesp e redes sociais). Seguiram os protocolos éticos necessários, aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP e Plataforma Brasil CAAE: 69929923.5.0000.5505 e 70425623.4.00005505. Poderiam aderir à pesquisa mulheres mães que tivessem cursado a graduação ou pós-graduação na UNIFESP, entre 2013 à 2023.

### **Resultados**

Participaram da pesquisa 63 graduadas/graduandas e 222 pós-graduadas/pós-graduandas. Dessas, 87,3% cursavam a graduação no momento do preenchimento do questionário e 12,7% eram egressas. Quanto a pós, 66,3% eram estudantes em curso e 34,7%, egressas. Temos, como perfil, uma maioria branca: 61,9% das alunas da graduação e 67% da pós; 19% e 21,7% pardas, 14,3% e 7,2% pretas, 1,8% e 4,1% amarelas e 1,6% e 0% indígenas. Dados que demonstram que o acesso à academia é mais possível entre mães brancas e que as não brancas são minoria na progressão da formação.

A divisão dos cuidados com as/os filhas/os confirmam os dados encontrados na literatura, no qual os cuidados estão centralmente com as mulheres: 36,5% das respondentes

graduadas/graduandas são mães solo; 34,9% não possuem rede de apoio; 46% dividem os cuidados com pai ou outra mãe ou rede de apoio, mas permanecem com a *maior* parte dos cuidados e 11,1% afirmam serem as únicas responsáveis por todos os cuidados, sem a ajuda de nenhuma outra pessoa. Cenário também expressivo na pós graduação em que 22,1% são mães solo; 38,5% não possuem rede de apoio; 52,8% dividem os cuidados com o pai ou outra mãe, mas permanecem com a *maior* parte dos cuidados com os filhos e 11,5% são as únicas responsáveis por todos os cuidados, sem a ajuda de nenhuma outra pessoa.

A sobrecarga das mulheres com a divisão não igualitária dos cuidados com as/os filhas/os e casa, a falta de rede de apoio, inclusive enquanto políticas públicas, interferem diretamente na relação com o campo acadêmico, como podemos notar abaixo.

Na graduação, 82,5% afirmam já terem pensado em interromper o curso por conta da maternidade; 56,5% já precisaram levar seus filhos para a universidade; 92,1% afirma ter menos tempo de dedicação ao estudo por conta da maternidade e 81% sentiu dificuldade em cumprir prazos por conta dos cuidados maternos/domésticos. 76,2% sente que a maternidade impacta na qualidade/produtividade dos estudos.

Na pós-graduação 64,3% já pensou em interromper sua pesquisa em razão da maternidade; 63,6% afirma pouco tempo de dedicação à dissertação por conta da maternidade; 72,7% consideram a maternidade impactante na produção acadêmica, sendo que 68,7% sentiram diminuição da produtividade intelectual e 57,9% dificuldade de participar em projetos na universidade.

Infelizmente, 82,5% das graduadas/graduandas afirmaram ter pensado em abandonar o curso e, certamente, muitas o fizeram. Outras tantas pararam na graduação ou no mestrado, confirmando o efeito tesoura. A fala de algumas respondentes demonstra isso: “Não consigo retomar os estudos, inclusive uma pós graduação na UNIFESP”; “Fiquei retida após meu filho ser afastado por 15 dias com Pneumonia para tratamento [...] não havia outra pessoa para cuidar dele e tive que faltar!”; “Defendi o mestrado com 37 semanas de gestação e não consegui voltar para fazer o doutorado que pretendia” e ainda 3 graduadas/graduandas e 2 pós-graduadas/graduandas afirmam ter sido expulsas de algum ambiente na universidade.

57,9% das graduadas/graduandas e 69,7% das pós-graduadas/graduandas, afirmam que no Campus no qual estudaram não havia medida de apoio às mulheres-mães, sendo que mais de 20% informaram não conhecer ou não saber, demonstrando a urgência de pensar ações afirmativas, medidas de apoio financeiro e de espaço para permanência e progressão das mulheres-mães. Das medidas conhecidas 31,6% graduadas/graduandas e 6% pós-graduadas/graduandas citaram auxílio-creche.

A pesquisa comprovou que na UNIFESP, assim como em outras universidades, as mulheres-mães vivenciam impactos negativos em seu processo acadêmico diante da maternidade e recebem pouquíssimo (ou nenhum) apoio institucional. Mas será a maternidade o “problema”? Não! Não qualquer maternidade, mas a que vivenciamos na sociedade capitalista-patriarcal-racista; a maternidade neoliberal que imputa apenas às mulheres os cuidados; a maternidade que invisibiliza e culpabiliza às mulheres. Do que se trata, portanto, é de combater mais uma das opressões estruturais vivenciadas pelas mulheres, lutando por igualdade de condições, o que pressupõe equidade nas ofertas.

## REFERÊNCIAS

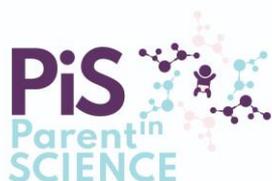
ANDIFES & UNIVER (2019). Associação nacional dos dirigentes das instituições federais de ensino superior. *V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das IFES–2018*.

Barros & Mourão (2020). Trajetória profissional de mulheres cientistas à luz dos estereótipos de gênero. *Psicologia em Estudo*, 25, e46325.

Brasil, MEC (2022). Pós-graduação brasileira tem maioria feminina. Recuperado: <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/pos-graduacao-brasileira-tem-maioria-feminina>. Acesso: 15 mar 2023.

Davis (2016). *Mulheres, raça e classe*. Boitempo Editorial.

Federici (2023). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Editora Elefante.



IV SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE  
MATERNIDADE E CIÊNCIA - 2024

Semesp. Mapa Ensino Superior no Brasil, 2020. Recuperado: [www-10.semesp.org.br/mapa-do-ensino-superior/edica](http://www-10.semesp.org.br/mapa-do-ensino-superior/edica). Acesso: 15 mar 2024

Moura (2023). Pnad: Mulheres Gastam Quase o Dobro de Tempo no Serviço Doméstico. Recuperado: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-08/pnad-mulheres-gastam-quase-o-dobro-de-tempo-no-servico-domestico>. Acesso: 02 de maio de 2024.

PARENT IN SCIENCE (2023). *As Bolsas de Produtividade em Pesquisa: uma Análise do Movimento Parent in Science*. Disponível: <https://www.parentinscience.com/bolsaspq>

Saffioti (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. Ministério Público Estado da Bahia.

Santos et al. (2020). *Representatividade Feminina em Reitorias e Vice-reitorias das Universidades Federais do Brasil: uma análise no ano de 2020*. Convibra. Disponível: [https://convibra.org/congresso/res/uploads/pdf/artigo23342\\_20201851.pdf](https://convibra.org/congresso/res/uploads/pdf/artigo23342_20201851.pdf). Acesso: 02 maio 2024.

Vivas (2021). *Mamãe desobediente: um olhar feminista sobre a maternidade*. Editora Timo.